

Prova Final de 2022 (1.ª fase)

Prova Escrita de Português 12.º Ano de Escolaridade Prova 639 / 1.ª Fase / Versões 1 e 2

GRUPO I

Parte A

1. O apelo feito na primeira estrofe pelo sujeito poético dirige-se aos Portugueses e consiste no pedido para que estes esperem (“Sperai!”). O “eu” lírico revela-se, deste modo, determinado e transmite ao povo português que irá regressar apesar de ter desaparecido quando chegou a sua “hora adversa” e que a sua essência perdura e está preservada em sonhos, concretamente. É-lhe, assim, inerente o sentimento de certeza face a um período de transição no qual o seu simbolismo permanece, pelo que pede aos Portugueses que esperem e acreditem. Por outro lado, é possível inferir que esse “vós” sinta esperança no regresso simbólico da figura apresentada e se deixe motivar pelo carácter exemplar da mesma, apesar do sentimento de tristeza e de saudade associada à sua morte no areal.
2. Efetivamente, o herói histórico está presente na segunda estrofe do poema através das referências ao areal, à morte e à desventura feitas no primeiro verso. Essas referências factuais e concretas são do conhecimento de todos e concretizam a presença do herói histórico neste poema, figura que, de facto, morreu em guerra, na tentativa de defender o seu país (“Que importa o areal e a morte e a desventura”), o que comprova o seu heroísmo. Por outro lado, o herói mítico está presente no sonho de D. Sebastião, já que esse é um domínio eterno, que perdura e que está guardado com Deus (“É O que eu me sonhei que eterno dura, / É Esse que regressarei”). É, portanto, o herói mítico que regressará.
3. Versão 1: **(D)**; Versão 2: **(B)**.

Parte B

4. O propósito da estância 15 é, de facto, incitar o rei D. Sebastião à ação gloriosa. Assim, o poeta inicia com o elogio ao “Sublime” rei, que está predestinado à grandiosidade de feitos, afirmando que não se atreve a cantá-lo (“... e a vós não posso, / Sublime Rei, que não me atrevo a tanto”). Dá, depois, continuidade à sua estratégia argumentativa pedindo-lhe que controle a sua nação e que estimule o seu povo a feitos grandiosos para que o poeta os possa cantar e tornar conhecidos pelo mundo. Elogiando os feitos singulares dos portugueses em várias regiões, incita também o rei D. Sebastião a dar-lhe mais matéria para sua obra. Ou seja, a estratégia argumentativa usada pelo poeta consiste em elogiar o rei e os feitos do seu povo (que serão entendido como feitos do próprio rei) de modo a serem depois exaltados e admirados por todos.

5. Nas estâncias 16 e 17, o poeta confere ao rei D. Sebastião uma dimensão excecional. Para tal, evidencia o temor que o rei impõe aos seus inimigos – Mouros e Gentios: os primeiros veem-no como a causa da sua ruína futura; os segundos mostram-se já predispostos a submeter-se-lhe. Num segundo momento, o poeta eleva-o à condição divina pois a própria Tétis deseja oferecer a filha em casamento a D. Sebastião e, como dote, o controlo dos mares. Mostra ainda que os feitos de D. Sebastião serão motivo de orgulho para os seus antepassados, que esperam dele a realização de feitos tão grandiosos que mereçam ser para sempre recordados.
6. Versão 1: (B); Versão 2: (C)

Parte C

7. De facto, o sebastianismo emerge de forma diferente em diversas obras da literatura portuguesa, como por exemplo em *Mensagem*, de Fernando Pessoa, ou em *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett.

Na obra *Mensagem*, o sebastianismo está envolvido num contexto positivo, isto é, o regresso simbólico de D. Sebastião está associado à construção do mito do Quinto Império. Esta ideia constitui a força para o povo português se levantar do estado de estagnação em que se encontrava, tal como nos dá conta, por exemplo, o poema “Nevoeiro”. D. Sebastião é aqui perspectivado como uma figura de carácter exemplar e simbólico, tal como acontece com muitas outras figuras históricas trazidas pela pena de Fernando Pessoa.

Em *Frei Luís de Sousa*, as referências ao sebastianismo surgem muitas vezes integradas num ambiente de tensão. A leve suspeita do possível regresso do rei 21 anos depois da batalha, o seu quadro no palácio de D. João Portugal, entre outros aspetos que evocam esta figura, são tópicos que despertam a curiosidade e o interesse de Maria, mas que contribuem para aumentar angústia de Madalena face a um passado que quer esquecer a todo o custo, pois pode condicionar fatalmente o presente.

Em suma, o sebastianismo é encarado de forma muito diversa nestas duas obras. Se em *Mensagem* o regresso do rei é encarado de forma espiritual e positiva, na obra de Garrett o regresso físico do rei é sinónimo de tragédia e morte. No fundo, é um Portugal que não se quer recuperar.

GRUPO II

	Versão 1	Versão 2
1.	(C)	(B)
2.	(C)	(D)
3.	(B)	(A)
4.	(A)	(C)
5.	(D)	(C)
6.	(B)	(D)
7.	(D)	(B)

GRUPO III

Proposta de textualização

Talvez influenciados por filmes ou desenhos animados onde se destaca o carácter excecional da figura do herói, o certo é que uma reflexão sobre o tema leva a que uma tentativa de definição de herói não é linear nem concreta. Há, de facto, diferentes perspetivas sobre os traços caracterizadores de uma figura heroica, tornando impossível distinguir os indivíduos que as apresentam. Mas, é lícito afirmar que o heroísmo exige percorrer um caminho árduo de renúncia e de sofrimento?

A meu ver, pode considerar-se um herói aquele que causa impacto positivo na vida de alguma pessoa ou grupo de pessoas. Tendo em consideração esta definição, não acredito que renúncia e sofrimento sejam condição “sine qua non” para o heroísmo. Concretamente, alguém que assista a um assalto e, sem se colocar em risco nem colocar outros em risco, conseguir recuperar o que foi roubado, é já um herói.

Por outro lado, há efetivamente indivíduos que, devido ao compromisso demonstrado com os outros, são, por natureza, altruístas e facilmente renunciam a alguns dos seus prazeres pessoais ou familiares. Estes heróis são visíveis todos os dias na nossa sociedade: veja-se o caso dos bombeiros, dos profissionais de saúde ou de algumas figuras públicas que dedicam algum do seu tempo em campanhas de solidariedade, entre muitos outros casos. No cardápio que integra a definição de herói não terá de entrar o ingrediente “sofrimento”.

Em suma, desconstruindo a ideia de que heróis são apenas os praticantes de grandes feitos, dignos de serem cantados por alguma epopeia, acredito que o humanismo, a bondade, o carácter genuíno, a influência positiva na vida de outros é condição necessária para o heroísmo, sem se passar pelo calvário da renúncia ou do sofrimento.

(282 palavras)